

Literatura

Prémio Camilo Castelo Branco — 1963

SAUDAÇÃO DE OSCAR LOPES A CARDOSO PIRES

O curso dos astros no céu concertou-se de tal modo que me concede agora a alegria de saudar José Cardoso Pires em nome do Júri que lhe atribuiu o Prémio Camilo Castelo Branco de 1963. Mas esta conjunção que tanto me honra e encanta não a devo transformar numa espécie de eclipse do sol, qual seria o de esquecer a arte narrativa do homenageado atrás de um satélite de elogios vagos. Tenho, é claro, de falar um pouco sobre *O Hóspede de Job*, um pouquinho sobre a restante obra do autor, porque a isso mesmo aqui vim. O que tentarei é fazê-lo sem nunca perder de vista a realidade óbvia e irredutível do seu estilo.

E, afinal, não há nada mais fácil do que isso. Porque, na ficção portuguesa de hoje, se realmente existe um autor cuja arte impõe a sua própria lógica a um sistema qualquer de razões, seu ou alheio — esse autor é José Cardoso Pires. Reparem que quando se diz (e parece todos unânimemente dizermos) que Cardoso Pires é acima de tudo um contista, o que de mais importante queremos significar é isso mesmo: a sua arte não ignora razões ou doutrinas, mas apenas pretende vingar em arte como arte. Com efeito, lemos algumas das suas melhores páginas, mesmo as do romance, as do drama, as do ensaio, e o que se nos evidencia de modo imediato é uma meada entrecruzadíssima de relações imaginativas, que se vão entretanto desafiando, mas, bem se sente, já lá estavam de certo modo no início. Dois vultos humanos numa estrada, uma rapariga mordiscando fósforos, um par de guardas republicanos desmontados num largo da vila sob a torreira do sol — eis, por exemplo, três células que nos dão logo uma convicção de mundo completo, donde tudo, mesmo o que ainda se não sabe, lá virá a sair por desenvolvimento natural, tal como um organismo que se desenvolve em obediência ao código dos seus ácidos nucleicos germinais. Eu penso que, na actual fase de gostos literários, a melhor prova da autenticidade de *O Hóspede de Job* consiste mesmo em ter levantado a seguinte questão académica quanto ao género: Mas será um romance mesmo, ou um ciclo de contos alentejanos? Pois, com efeito, *O Hóspede de Job* não nasceu de uma pergunta filosófica, como, por exemplo, estas: «Porque é que isto existe, em vez de existir outra coisa, ou de não existir mesmo nada? Como é possível estar eu aqui e agora, e saber ao mesmo tempo que as palavras *eu*, *aqui* e *agora* têm uma infinidade de significados concretos diferentes?». *O Hóspede de Job* não nasceu do propósito de contar uma história como se o seu objecto, dela, a história, afinal não existisse, como se as mudanças irreversíveis fossem afinal de contas cíclicas, como se as identidades pessoais, e ainda as impessoais, fossem totalmente impro-



José Cardoso Pires

váveis. Tais perguntas ou enquadramentos têm, a meu ver, o seu momento de verdade e de produtividade, mas exaurem-se depressa, porque, dentre toda a larga experiência humana, tendem a sublinhar aquelas fases em que nos encolhemos na escrita ou leitura, em que o mundo todo se adelgaça, amolece e se amolda facilmente a uma obsessão ou humor dominante. Ora nós lemos *O Hóspede de Job* e, pelo contrário, esse momento de leitura alastra naquela maravilhosa imanência do eu aos outros, do aqui ao alhures de que toda a grande literatura épica vem sendo feita desde os mais antigos mitos; as personagens andam em busca do autor, ou antes, as personagens, as situações, os temas em microcosmo buscam esse macrocosmo que é o tempo narrativo do romance. E nós acompanhamo-las, e fazemos o romance com eles e com o autor.

Mas isto não é o elogio do engenho abandonado à sua espontaneidade. Nada estaria menos adequado a Cardoso Pires, cujo brio oficial ressalta logo de uma prosa muito limpa, talvez a mais limpa ou mondana que hoje temos, e que, quanto à composição e proporcionamento narrativos se verifica pelo confronto entre as primeiras edições dos seus contos e a sua antologia e refundição em *Jogos de Azar*. A vida latejante dos temas não dispensou o trabalho de artífice, antes o exigiu, com todo o escrúpulo de que Cardoso Pires nos dá provas, tanto pelo seu acabamento, como pela maturação lenta das suas edições. E, assim, a palavra *trabalho* ganha, a propósito deste artista, o seu significado mais denso. Poderíamos referir com a palavra *trabalho* um corpo a corpo cujos antagonistas seriam a espontaneidade e a intenção, ou, à maneira camoniana, o engenho e a arte; mas, na verdade, não há nome exacto para os dois pólos opostos. Por exemplo, a espontaneidade do tema dos companheiros, ou, mais em geral, do companheirismo, da interdependência humana concreta, que tão grande importância e tantas facetas assume nos enredos de Cardoso Pires, revela-se-nos afinal como limite originário dos seus desenvolvimentos; a sua espontaneidade contém certo trabalho, porque em cada um desses desenvolvimentos, como o do romance premiado, a meada apenas se desdobra numa dada extensão significativa, com exclusão rigorosa, pelo trabalho, de tudo quanto essencialmente não importa; e, por outro lado, a selecção do fio narrativo é sempre realista, porque norteada por uma significação total. Podemos, é claro, sentir que a unidade do romance, como já acontecia com a unidade do drama *O Renter dos Heróis*, teria possibilidades de atingir um grau ainda superior de unidade; mas sentimos também que o resultado atingido em *O Hóspede de Job*, e que é sem dúvida, a meu ver, o melhor resultado em romance português do ano findo, não foi conquistado, nem em obediência a uma simples ideia abstracta, nem por mera cerzadura de episódios.

Por exemplo: cenas como aquela de inécia em que um cabo-ferrador trai em diálogo fragmentário as imagens e frases mais obsessivas da sua vida foram é claro muito trabalhadas por dentro da sua unidade interna, mas um simples motivo, como o do silvo do combóio de Évora, torna o tecto e as paredes da taberna transparentes à rede de todas as relações humanas do Alentejo; a nossa imaginação galga logo distâncias a uma velocidade que parece a do som, mas é muito maior, é a de um reflexo psicológico latente que acorda. É o romance a nascer do conto no seio do trabalho literário já definido, germina logo outro trabalho; e é assim que a gente percebe que a palavra *poesia* venha de um verbo grego que significa *fazer*: tal como acontece com os produtos mercantis em relação ao trabalho que os cria, também a palavra e a ficção se alienam a cada passo relativamente às necessidades íntimas humanas que as criam, e o artista precisa de dar mais um e outro jeito para que as suas criações não matem a sua própria vida originária. Foi assim mesmo, num diálogo cerrado entre o que a fantasia achava e o que a intenção perseguia

que Cardoso Pires nos conduziu, não apenas a uma atmosfera alentejana não apenas a um ciclo de episódios, mas a uma intriga romanesca muito original, onde interferem uma dada estrutura de relações sociais, uma crise estival de trabalho com as suas mais típicas consequências, uma incorporação militar, com os seus exercícios num polígono de fogo implicando um condicionamento ainda muito mais largo de forças históricas. Julgam alguns leitores que nem todos os nexos se explicitaram tanto quanto necessário, e talvez nalguns espaços as malhas se pudessem apertar com vantagem, mas seria difícil fazê-lo sem privar o leitor da sua liberdade relacional e judicativa, e sob este aspecto nunca talvez o leitor de ficção portuguesa foi tão estimulado a participar, dispondo ao mesmo tempo dos dados que essa participação requer. Poderia, por exemplo, mostrar-se mais elevada compreensão humana, mais contenção de juízo dispensável, mais sóbria objectividade tipificadora do que na admirável sequência que decorre entre dois detidos e as praças de um posto da Guarda?

Mas falei em tipificação, e vou terminar por aqui. Uma obra estimulante-realista como *O Hóspede de Job* instala no nosso espírito alguns traços cumulativamente muito móveis e muito essenciais das coisas porque nos instala em reacção viva sobre essas mesmas coisas; uma obra assim é uma renovação do conhecimento, porque o conhecimento vivo não somos nós e as coisas em contacto indirecto e diplomático, um conhecimento é um reflexo, neste sentido: são as coisas em nós como projecto, e nós dentro das coisas como força já actuante. Uma obra realista não descobre apenas novos objectos, novas faces nas coisas, mas também, e por isso mesmo, um novo sujeito daquele sentir a que chamamos o nosso sentir. José Cardoso Pires traz um novo fôlego ao nosso realismo consciente de ser realista e efectivamente capaz de o ser porque a sua obra não nos coloca numa subjectividade excêntrica e exótica relativamente às suas personagens populares, nem permanecem ao nível de consciência dessas mesmas personagens. Pelo contrário, avivam uma subjectividade, uma tomada de partido humano concêntrica (embora mais larga) à de essas personagens, mediante um excelente jogo de tipificação objectiva de circunstâncias e casos. Em *Estrada 43*, por exemplo, um dos melhores contos de Cardoso Pires, encontramos-nos em plena operação de alcatroar uma estrada, e um acidente de trabalho adentra-nos, palpitantemente, na simpatia afectiva da vítima e seus companheiros. Em vez de vermos um espectáculo de um ponto excêntrico, necessariamente, deformante, maniacamente estilístico, o que nos sentimos é empenhados, como se de algum modo fossemos nós o desgraçado roído pelo alcatrão fervente, ou, talvez melhor, fôssemos nós alguns dos que lhe têm de valer imediatamente. A miséria deprime; nem sequer origina espontaneamente a sua própria superação interna ou externa; mas como a subjectividade literária não é muda infável, mas é, pelo contrário, o próprio sentir na sua mais comunicativa sociabilização — um autor verdadeiramente realista que tome a miséria como assunto, dá um dos inícios ao resgate dessa miséria, que é, até certo ponto, miséria de consciência também — numa consciência da miséria, consciência que já, sob todos os pontos de vista, não é miserável. Acresce que a humanidade só tem a certeza de conhecer o mundo na medida em que é já capaz de o refazer a seu favor; e por isso o ponto de vista daqueles que mais precisam de refazer a realidade material, e portanto a própria realidade humana a ela moldada, é sempre potencialmente o mais fecundo, o mais realista, aquele cuja subjectividade superior o bom artista tende sempre a assumir, mesmo sem dar por isso. Cardoso Pires tem a vantagem técnica de o saber, e de saber exactamente o que pode com os seus dons. E ouça, José Cardoso Pires: todos lhes estamos muito gratos por isso!